

CENTRO HISTÓRICO DE
SÃO LUÍS
M A R A N H ã O



B R A S I L



P A T R I M Õ N I O M U N D I A I





São Luís Patrimoine Mondial, Patrimoine de l'Humanité

D'abord, il y eut les natifs, ceux qui vécurent pendant des millénaires sur l'île d'Upaon-açu, ainsi que la baptisèrent les indiens tupinambás. Les portugais y firent une première apparition timide, à la fin du XVIème siècle. Les français y fondèrent ensuite la France Equinoxiale qui, en dépit de sa courte existence, permit l'installation en 1612 de ce qui allait devenir la capitale du Maranhão, la ville de São Luís. Les portugais expulsèrent les français et, en 1644, furent à leur tour délogés, provisoirement, par les hollandais.

Occupant à nouveau l'île, ils édifièrent un écriin urbain qui a conservé jusqu'à aujourd'hui les joyaux architecturaux qui continuent de faire l'admiration des visiteurs, grâce en particulier à l'effort de ses habitants pour les préserver. Ce patrimoine accumulé en presque quatre siècles représente le plus grand ensemble brésilien de tradition urbanistique et architecturale de la colonisation portugaise, internationalement reconnue par de nombreux spécialistes.

Les efforts consentis pour préserver le Centre Historique de São Luís prolongent et amplifient les actions menées par les gouvernements précédents, à commencer par celui du gouverneur José Sarney, responsable de la venue du premier consultant de l'UNESCO au Maranhão, en 1966, l'architecte français Michel Parent. Cette première visite fut suivie en 1972 par celle d'un autre consultant de l'UNESCO, Viana de Lima, et, sous mon gouvernement, de Julio Angel Morosi, architecte de l'ICOMOS responsable du rapport approuvé par le comité du Patrimoine Mondial au mois de Juin 1997.

Depuis trente et un ans, nous poursuivons les efforts de préservation et nous promovons les actions de restauration urbaine et architecturale approuvées par le Ministère de la Culture, condition sine qua non pour l'inscription de São Luís sur la liste du Patrimoine Mondial de l'UNESCO. Cette inscription représente la reconnaissance par la plus importante entité culturelle du monde de notre patrimoine et des efforts entrepris pour sa préservation. Ces efforts ont porté sur la réhabilitation des structures et des éléments architecturaux, jusqu'à la restauration rigoureuse des peintures sacrées sur le plafond des églises, des sculptures, des autels, des retables, des peintures murales et des "azulejos", sans parler de la rénovation de l'infrastructure et du réseau d'utilité publique. C'est une oeuvre exemplaire, "une référence culturelle pour le monde", a affirmé le représentant de l'UNESCO.

Cette année, São Luís est l'unique "bien national" à représenter le Brésil parmi les trente-deux candidatures officielles provenant de dix-neuf pays. C'est un grand honneur pour le Maranhão et tous les maranhenses.

Grâce à cette reconnaissance par l'UNESCO, à son inscription sur la liste du Patrimoine Mondial, São Luís, par son intégrité architecturale, son caractère et sa dimension socio-culturelle devient désormais patrimoine mondial de l'humanité.

Roseana Sarney
Gouverneur de l'Etat du Maranhão.

São Luís Patrimônio Mundial, Patrimônio da Humanidade

Primeiro, foram os nativos, os viventes milenares desta ilha de Upaon-açu, como a chamavam os índios tupinambás. Depois, timidamente, os portugueses, ao final do século XVI. Em seguida, os franceses fizeram a genese da França Equinocial que, apesar da sua curta duração, permitiu a instalação, em 1612, da base física do que seria futuramente a capital do Maranhão, a cidade de São Luís. Depois, os portugueses a retomaram, expulsando os franceses e mais tarde, em 1644, os holandeses, que fizeram similar tentativa de domínio.

Occupando a ilha, desde então, os portugueses edificaram um eserinio urbano que guarda até hoje jóias arquitetônicas que fizeram e fazem crescer a admiração dos visitantes e o empenho de seus habitantes em preservá-las. No Brasil, esse patrimônio acumulado em quase quatro séculos representa o maior acervo de tradição urbanística e arquitetônica colonial portuguesa, já reconhecido internacionalmente por vários especialistas.

O trabalho que estamos promovendo para preservar o Centro Histórico de São Luís dá prosseguimento e amplia as ações que vários governos realizaram anteriormente e que começaram na gestão do então governador José Sarney, responsável pela vinda do primeiro consultor da UNESCO ao Maranhão, em 1966, o arquiteto francês Michel Parent. Fruto dessa ação pioneira vieram, em seguida, os outros consultores da UNESCO, Viana de Lima, em 1972, e já no meu governo, Julio Angel Morosi, do ICOMOS, arquiteto responsável pelo parecer aprovado pelo bureau do comité do Patrimônio Mundial em junho de 1997.

Trinta e um anos passados continuamos o trabalho, promovendo intervenções criteriosas de restauro urbano e arquitetônico aprovadas pelo Ministério da Cultura, o que é condição *sine qua non* e consubstancia um dos fundamentos do processo de inclusão de São Luís na lista do Patrimônio Mundial da UNESCO. Essa inclusão significa o reconhecimento da mais importante entidade cultural do mundo ao nosso patrimônio e aos dedicados e qualificados esforços pela sua preservação, o que inclui desde a recuperação de estruturas e elementos arquitetônicos, até o restauro rigoroso de pinturas sacras em forro de igrejas, de talhas, altares, retableus, pinturas murais e azulejos, além da renovação da infraestrutura urbana e redes de utilidade públicas. Uma obra exemplar, *uma referência de cultura para o mundo*, conforme afirmou o representante da UNESCO no Brasil.

Agradeço a todas as entidades, empresas e pessoas e, em especial, às famílias residentes no Centro Histórico de São Luís, que contribuíram para a preservação do nosso maior patrimônio cultural edificado, condição essa essencial para a aceitação da proposta.

Com o reconhecimento pela UNESCO, integrando-a à lista do Patrimônio Mundial, São Luís, por sua inteireza, caráter e dimensão sócio-cultural passa, doravante, a ser patrimônio de toda a humanidade.

Roseana Sarney
Governadora do Estado do Maranhão

Índice

Table de matières

Prefácio..... 8
Préface

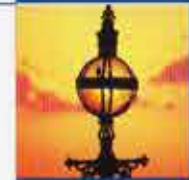
Breve História de São Luís..... 14
Brève Histoire de São Luís

Identificação e Caracterização..... 32
Identification et Caractérisation

Programa de Preservação e Revitalização..... 54
Programme de Préservation et Revitalisation

Anexos..... 104
Annexes

Bibliografia..... 112
Bibliographie



Vista da ponta de São Francisco, 1864
(Pintura de Manuel Ricardo Canto).
Vue de la pointe de São Francisco, 1864.
(Peinture de Manuel Ricardo Canto).



1.

Mapa da província do Maranhão. Assinala os fortes de São Luís e Santa Maria. João Teixeira Albernaz, o velho (1602-1666) (abaixo).
Carte de la Province du Maranhão. Indication des forts de São Luis et Santa Maria. João Teixeira Albernaz, le vieux (1602-1666) (au-dessous).



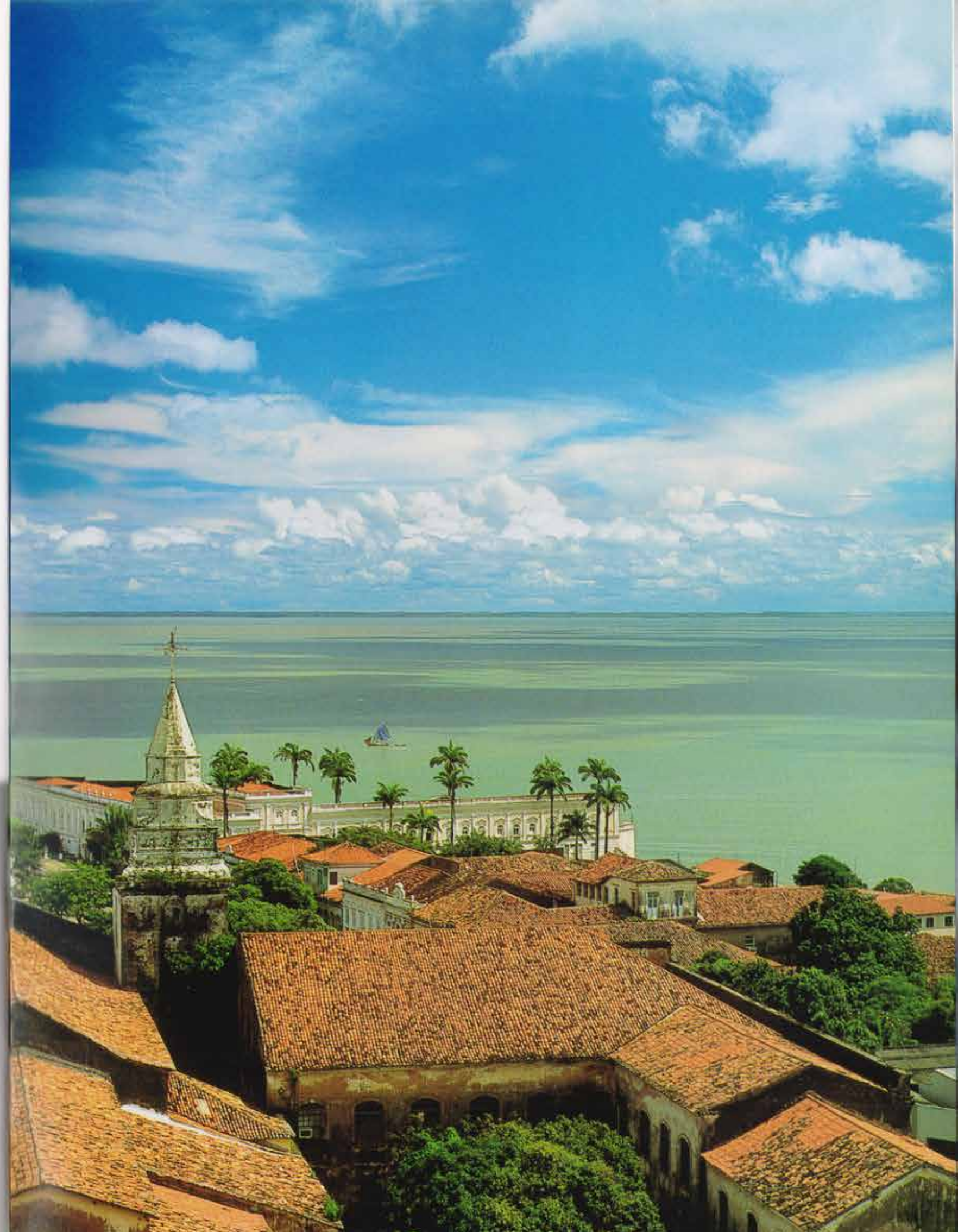
Breve História de São Luís

Rafael Moreira

A linha fixada em 1494, pelo Tratado de Tordesilhas, entre Espanha e Portugal para dividir as terras ainda desconhecidas pelos europeus cortava a linha do Equador em um ponto algo afastado do Amazonas. Os métodos rudimentares para determinar as distâncias em alto-mar não possibilitavam uma localização precisa e, na dúvida, devido às sanções que ameaçavam os que não respeitassem este “testamento de Adão” – como o chamava ironicamente

Francisco I da França – era preferível manter-se distante da zona incerta. Os sucessores de Colombo assim como os de Cabral não se distanciavam das rotas conhecidas, e todo o litoral entre o Orenoco e o Nordeste brasileiro tornou-se uma “terra de ninguém” que somente alguns raros exploradores clandestinos ousavam percorrer.

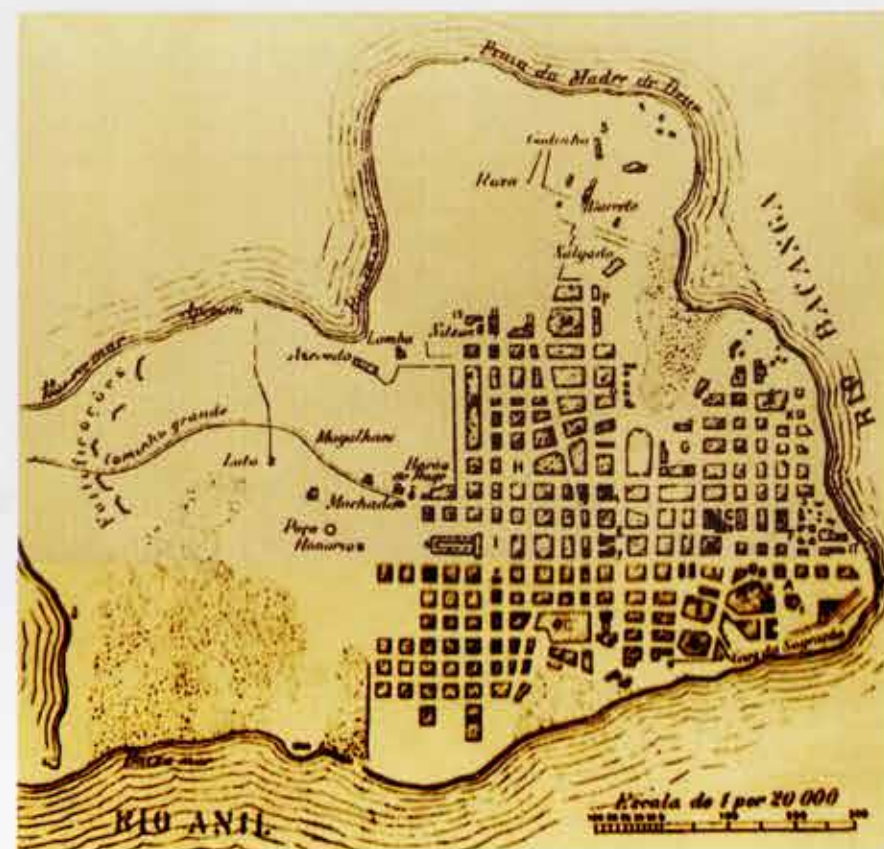
Para incentivar o povoamento do Brasil, o rei João III de Portugal o dividiu em capitanias em 1535 e deu aquela situada



Vista da baía de São Marcos com torre da igreja da Sé e o Palácio dos Leões (pág. anterior).
Vue de la baie de São Marcos avec la tour de l'église de la Sé et le Palais des Lions (page antérieure).

Mapa da cidade de São Luís do Maranhão em 1844 (ao lado).
Carte de la ville de São Luís do Maranhão en 1844 (à côté).

Praça Benedito Leite e suas palmeiras imperiais.
Plage Benedito Leite et ses palmiers impériaux.



mais ao norte, a Capitania do Maranhão, ao tesoureiro – célebre historiador – João de Barros, que levou muito a sério a sua missão colonizadora. Ao longo de três décadas, ele enviou nada menos de quatro frotas com mais de 3.000 colonos, que fundaram a cidade de Nazaré (muito provavelmente na localização atual de São Luís) e três outros vilarejos, sob as ordens de seus próprios filhos, que ali viveram durante cinco anos (1555-1560). A falta de ajuda oficial e o precário conhecimento por mar – por causa da corrente do golfo, era mais fácil ir de São Luís à Europa do que de São Luís para o resto do Brasil! – contribuíram pouco a pouco para o desaparecimento dessas colônias. Depois de 1570, enquanto o Brasil já tinha cidades tão ricas quanto Salvador e Olinda, toda a costa do Norte era uma região abandonada à própria sorte.

Esse descaso do poder despertou a cobiça dos ambiciosos: traficantes portugueses e espanhóis, corsários holandeses e ingleses, mas principalmente franceses, que vinham cada ano para comerciar com os índios, estabelecendo um contato vantajoso. Em 1612, uma expedição francesa comandada por Daniel de la Touche, Senhor de la Ravardière, partia de Cancale (Saint-Malo) na Bretanha, com o apoio da regente Maria de Médicis, para se apossar do lugar – “não pela força mas por amor”, segundo as palavras do missionário capuchinho

Claude d'Abbeville – sob o nome de *França Equinocial*. No dia 8 de setembro era fundado o Forte e Vila de São Luís, assim nomeada em homenagem ao rei-santo e ao jovem Luís XIII (alguns anos mais tarde, no lado contrário do Atlântico, na embocadura do Senegal uma outra cidade seria batizada com o nome de São Luís, mas em homenagem a Luís XIV). O fato teve uma certa repercussão e provocou uma crise diplomática, resultando finalmente na reconquista do Maranhão pelos portugueses de Pernambuco em 1615.

criação de uma cidade equatorial

Uma situação confusa tornava-se enfim normalizada. O governo da Bahia estabeleceu regras bem claras. A cidade de São Luís conservou seu nome francês – caso excepcional – enquanto a fortaleza tomava o nome de São Filipe, pertencendo então Portugal ao rei Filipe III da Espanha. O engenheiro militar



Vista do porto de São Luís (acima).
Vue du port de São Luís (au dessus).

Vista do Cais da Sagração com o Palácio dos Leões (abaixo).
Vue du quai de la Sagração avec le palais des Lions (au dessous).





Francisco Frias de Mesquita demarcou no território o traçado de uma autêntica cidade com quadriculado exato “à espanhola” apesar do relevo difícil. Em 1621 era criado o Estado do Maranhão, independente do resto do Brasil: o objetivo não expresso era facilitar uma passagem entre o litoral e a expansão castelhana no Peru – que acreditavam próximo –, abrindo através da Amazônia uma entrada direta pelo Atlântico. A Ilha do Maranhão (latitude 20° 31’ S) foi portanto o lugar por onde a civilização urbana penetrou, se estabeleceu e criou raízes: a verdadeira “porta de entrada” dos 5.000 km aproximadamente da costa atlântica da América do Sul de um lado a outro do Equador, entre as longitudes 50N e 50S.

A nova cidade de São Luís surgiu assim como a primeira fundação europeia na tórrida zona equatorial, na entrada da floresta pré-amazônica: um meio longínquo e hostil, trazendo problemas totalmente novos que eram um verdadeiro desafio à capacidade do homem branco para se adaptar a climas e ambientes desconhecidos. Urgia criar uma “cidade equatorial” de um tipo novo, capacitada a prover suas necessidades e a definir uma função urbana que garantisse sua viabilidade, sua continuidade e seu crescimento – de vencer onde João de Barros e La Ravardière tinham fracassado.

A partir de 1620 casais de colonos chegavam dos Açores e tentavam-se aclimatar culturas de exportação (açúcar e algodão). Uma campanha de imprensa foi lançada para atrair investimentos e imigrantes, com a publicação do livro *Relação Sumária das Coisas do Maranhão Dirigida aos Pobres deste Reino* (Lisboa, 1624), escrito pelo capitão Simão Estácio da Silveira, chegado cinco anos antes dos Açores. A cidade se desenvolvia. Voltava a ser um objetivo estratégico para as potências europeias. Os holandeses de Maurício de Nassau, já solidamente instalados em Recife, conquistaram São Luís em 1641, mas logo foram expulsos em 1644. São Luís é, desse modo, a única capital brasileira que foi francesa, holandesa e portuguesa, conservando vestígios de todos, aos quais é preciso acrescentar o substrato das populações nativas – os tupinambás e suas variantes mestiças, como os mamelucos e os caboclos – e a partir do século XVII, a chegada em massa de escravos africanos, vindos principalmente das costas da Mina e de Angola.

Depois do Rio de Janeiro e de Salvador na Bahia, São Luís é o terceiro centro mais denso de povoamento de origem negra no Brasil. A Cafua das

Vista panorâmica da rua do Giz (pág. ao lado).
Vue aérienne de la rue du Giz (page à côté).

Mapas com relevo e evolução urbana de São Luís.
Cartes avec relief et évolution urbaine de São Luís.

25 - 30 m 10 - 15 m
20 - 25 m 5 - 10 m
15 - 20 m 0 - 5 m
(metros acima do nível do mar.)





Rio Anil e o Palácio dos Leões.
Rivière Anil et Palais des Lions.

Mercês (hoje Museu do Negro), lugar em que os escravos eram colocados após seu desembarque, e a notável Casa de Mina, onde eles reorganizavam seus cultos e práticas ancestrais (muito bem estudadas por Manuel Nunes Pereira) são testemunhas desta contribuição essencial. Do mesmo modo, as manifestações folclóricas, verdadeiras instituições, como o Tambor de Mina, o Tambor de Crioula, as Festas do Divino, o Bumba-meu-boi e as edificações arquitetônicas como as igrejas de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos e São José do Desterro – a mais antiga da cidade –, construídas por antigos escravos, são indícios da vitalidade e da força sincretista dessas tradições sempre vivas.

É sem dúvida essa capacidade de adaptação, bem visível nas ruas, no caráter da população, nas danças, na cozinha tão original, no Carnaval, nas rezas e nas “mandingas” (superstições), que permitiu a sobrevivência de toda uma comunidade em um meio tão adverso.

O DESENVOLVIMENTO DA CAPITAL MARÍTIMA

A função de São Luís sempre foi mais política do que econômica. Sede do governo do Estado do Maranhão desde 1621 até o fim do século XVIII e Província do Maranhão sob o Império (1822-1889), a cidade de São Luís, que possui o melhor porto de águas profundas de toda a costa Norte até a foz do

Palácio La Ravardiére e Palácio dos Leões.
Palais La Ravardiére et Palais des Lions.



Amazonas, garantiu pouco a pouco o papel de núcleo centralizador e dirigente, tornando-se o centro de um rica hinterlândia.

O traçado ortogonal, quase hipodâmico, imposto por Francisco Frias de Mesquita (que teria conhecido as teorias urbanas da antiguidade) criou um padrão ao mesmo tempo rígido e flexível, suficientemente maleável para absorver o engrandecimento da cidade durante mais de 350 anos: até a construção, em 1970, da ponte José Sarney, que permitiu a expansão de novas zonas residenciais e terciárias em direção ao bairro de São Francisco e em direção às praias. A largura constante das ruas, a localização das praças e dos “largos”, a importância dos cantos de rua, outorgaram a São Luís o caráter de urbanidade de uma verdadeira capital.

Essa imagem utópica traçada em 1615 estabeleceu um modelo de instalação urbana em terras equatoriais, ao qual a história se encarregou de dar um conteúdo. Enquanto capital, sede do poder, ela adquiriu uma atmosfera ímpar. Vivendo, de certo modo, à margem do resto do Estado, São Luís ficou em contato estreito com a Europa (Lisboa é mais perto do que o Rio de Janeiro) graças à facilidade de navegação. E o comércio – principalmente desde a época do Marquês de Pombal, como demonstrou o Prof. Jerônimo Viveiros – formou essa fisionomia típica de grande cidade marítima e cosmopolita, mais estreitamente ligada às atividades do oceano do que às da terra.

Por volta do fim do século XVII surge o primeiro desenvolvimento, promovido pelo governo real. Em face do dinamismo dos colonos, aprisionados entre o monopolismo do Estado e constantes conflitos com índios e missionários, a Coroa toma a decisão de grandes iniciativas. Uma diocese do Maranhão é criada em 1677, assim como uma academia politécnica (a Aula de Fortificação, 1698) e a cidade cresce. Na “acrópole” aterrada sobre o antigo forte francês, ampliada em 1630 sob a forma de fortaleza abalastrada em plano triangular, são edificados o Palácio do Estado – bastante modernizado em 1762 pelo governador Melo e Póvoas,

Capela-Mor e retábulo do século XVII da Igreja da Sé (abaixo).
Chapelle Mor et Retable du XVIIe siècle de l'Église de la Sé (au-dessous).

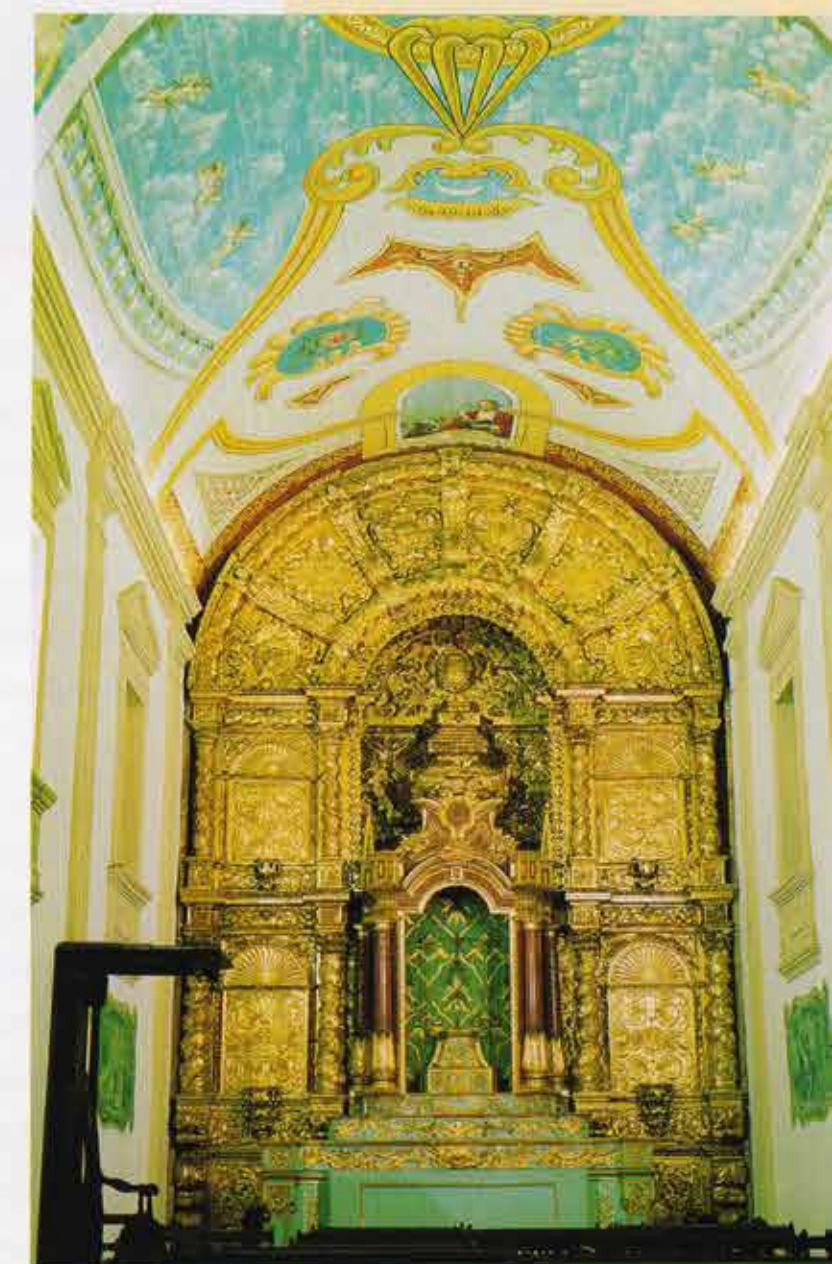




Imagem em madeira de São Francisco Xavier, do século XVII.

Image en bois de Saint François Xavier du XVIIe siècle.

Sobrado tradicional de São Luís.
Maison traditionnelle de São Luís.



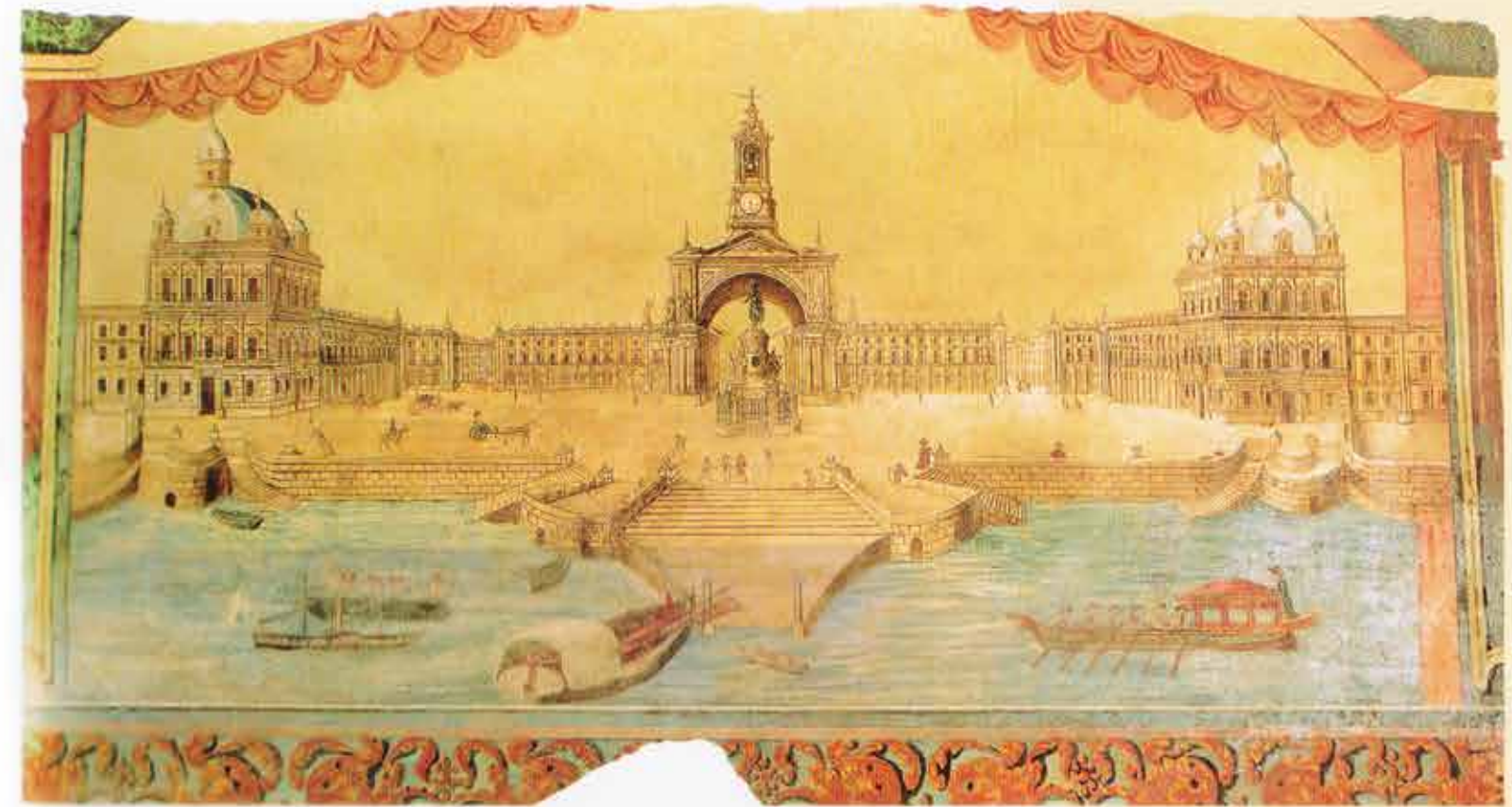
sobrinho do Marquês de Pombal, adotando o estilo neoclássico do atual Palácio dos Leões – e a sede do governo municipal, cuja estrutura original de 1685 continua visível nos adornos de fim-de-século do Palácio de La Ravardière, o Palácio do Município. Em frente, a catedral, construída em 1718 com planejamento do padre-artista luxemburguês João Filipe Bettendorf (1690), é uma magnífica edificação no estilo clássico jesuítico, com uma única nave e sacrário ao fundo, muito modificado em seguida, onde ainda brilha a obra-prima de talha dourada: o painel do altar-mor talhado pelo escultor Manuel Manso em 1693, o único em “estilo nacional” (1675-1720) que subsiste intacto no Brasil. Desde a expulsão dos jesuítas em 1760, é a sede da Catedral Metropolitana, a Sé.

O primeiro bispo, vindo em 1679, trazia consigo objetos valiosos ofertados pelo próprio rei, entre o qual resta um dos únicos conjuntos de vasos de prata maciça datados de 1683 – o maior, para os santos óleos, pesa mais de 13 quilos! – somente comparável aos das catedrais de Lisboa e do Porto, e uma série de quadros da via-sacra de grande dimensão (140 x 84 cm), com cenas da Paixão de Cristo para as cerimônias da Semana Santa, pintadas sobre cobre por volta de 1700 pelo pintor do rei Bento Coelho da Silveira (1648-1708), conforme descobrimos. Trata-se de uma réplica da série dos Passos da Graça (as estações da Paixão) da célebre confraria da igreja de Nossa Senhora da Graça em Lisboa, presidida pelo próprio rei.

A Coroa fazia, pois, um esforço para manter São Luís em contato direto com o centro do Império, criando uma imagem de capital rica em obras de arte, que constituem um acervo artístico da mais alta qualidade, único no Brasil tanto pela data precoce quanto pelo seu caráter oficial.

Esse interesse foi mantido pelo Marquês de Pombal (1755-1777), primeiro-ministro esclarecido, com sua política mercantilista que favorecia a produção industrializada de algodão e arroz. A mais antiga casa, datada de 1756 no Largo do Carmo, pertencia a seu amigo Laurent Belfort, um capitalista irlandês que introduziu maquinário agrícola e arrozais para a exportação. A cidade, beneficiada por sistemas de canalização e de esgotos, por belas fontes e por ruas calçadas, tomava um ar moderno e colorido que a identifica até hoje: uma nova Lisboa no Equador!

Em 1780, quando a Praia Grande tornava-se o bairro portuário por excelência, o governo português ordenou a criação de uma “praça regular” em



frente ao mar, à maneira das praças régias da época das luzes, com o nome de Praça do Comércio. Pode-se hoje ver ainda no prédio que a domina uma enorme pintura mural (200 x 80 cm), recentemente redescoberta e restaurada, que representa a famosa Praça do Comércio pombalina de Lisboa de 1756, que, do outro lado do mar, fecha simbolicamente a sua perspectiva – como se São Luís fosse o espelho colonial da capital metropolitana.

A “ATENAS BRASILEIRA”

A independência dos Estados Unidos da América do Norte e suas conseqüências, em plena Revolução Industrial, obrigaram a indústria têxtil britânica a procurar novas fontes de fornecimento para as suas fábricas. As terras favoráveis ao cultivo do algodão do Maranhão tornam-se um alvo cobiçado pela qualidade de suas plantações e pelo baixo custo de produção. Graças aos cônsules ingleses em São Luís e à criação de companhias de navegação a vapor, como a Southampton & Maranhão Company e a Maranhão Shipping Comp., o algodão da Geórgia ou do Alabama foi rapidamente substituído com vantagem

Pintura mural, do século XIX, descoberta no sobrado da Praça do Comércio de São Luís, representando a Praça do Comércio de Lisboa.
Peinture murale, du XIXe siècle, découverte à la maison de la place du Commerce de São Luís, représentant la place du Commerce de Lisbonne.



Fechamento de varanda em madeira de lei e venezianas, característica marcante dos grandes sobrados do Centro Histórico (acima). *Fermeture de balcon en bois et volets, caractéristique marquante des grandes maisons du centre historique de São Luís (au-dessus).*

Vista aérea com o Palácio dos Leões em primeiro plano, tendo ao fundo a desembocadura do rio Anil, que banha o Centro Histórico de São Luís, e a Ponta do São Francisco na margem oposta (pág. ao lado). *Vue aérienne avec le palais des lions en premier plan, et au fond l'embouchure de l'Anil qui baigne le Centre Historique de São Luís et la pointe du São Francisco sur la rive opposée (page à côté).*

Beco do "Quebra-Costa". *Ruelle du "Quebra-Costa".*



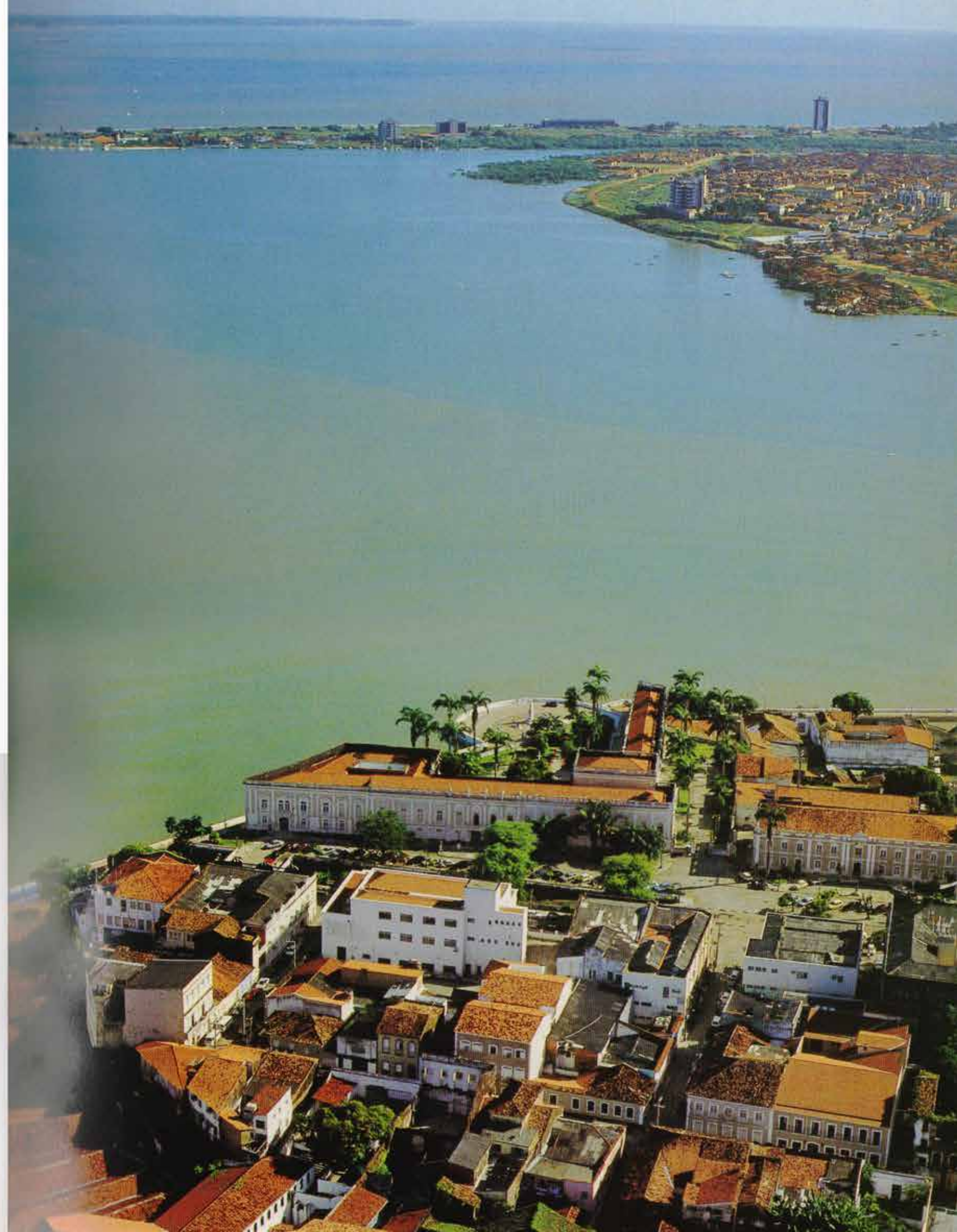
pelo de Caxias e pelo da Baixada Maranhense, embarcados em rolo diretamente para Londres ou para o Havre.

Grandes fortunas aparecem, enquanto estabelecimentos comerciais portugueses da Praia Grande se enchem de produtos da última moda (tecidos, móveis, cerâmica sanitária, conservas etc.) e surgem vocações locais de empresários, como a de Mr. H.G. Fontes, que transformou seu nome em "Fonteyn", sendo ancestral da grande bailarina Margot Fonteyn! A economia do Maranhão se internacionaliza e São Luís torna-se a quarta cidade do Brasil após Rio, Salvador e Recife. Por algum tempo,

São Luís ficou tentada a se opor à independência do Brasil (1822), temendo perder essas vantagens.

São Luís foi a primeira cidade do país a receber uma companhia italiana de ópera e uma das primeiras a ter ruas bem calçadas e iluminadas. Os navios traziam toda semana as últimas novidades da literatura francesa e as famílias ricas mandavam seus filhos estudar na Europa. Essa Idade de Ouro da economia do Maranhão teve um reflexo imediato na vida cultural da Província e no embelezamento da Capital. São Luís ficou conhecida como a "Atenas Brasileira" por causa do grande número de escritores aí nascidos ou que aí viveram, do seu papel na criação dos movimentos literários renovadores e da sua forte tradição de ensino das letras clássicas. O Maranhão é hoje o lugar do Brasil onde se fala melhor a língua portuguesa (os presidentes dos sete países de expressão oficial portuguesa aí assinaram em 1988 um acordo para criar o Instituto Internacional da Língua Portuguesa) e continua lançando autores renomados.

A cidade acompanhou esses progressos. Os primeiros palácios aparecem a partir da metade do século XVIII e no começo do século XIX surgem os sobrados e as "portas-e-janelas", que adaptam o estilo neoclássico às condições do clima da região equatorial. Aproximadamente em 1830, a inovação mais interessante foi a moda de revestir as fachadas com quadrados de cerâmica, os azulejos, até aí utilizados somente no interior das casas. Em poucos anos a cidade se cobriu com esse manto de reflexos coloridos que encantou os visitantes





estrangeiros. São Luís tornou-se “la petite ville aux palais de porcelaine”, como a chamava em 1847 um viajante francês. O sucesso desse sistema foi imediato e os proprietários portugueses, por sua vez, passaram a usá-lo nas suas casas do Porto e de Lisboa. Pela primeira vez uma invenção artística colonial influenciava a antiga metrópole...

VALORES PATRIMONIAIS

Essa história fascinante (e ainda pouco conhecida) – resultado de um feliz equilíbrio das circunstâncias históricas e geográficas – nos deixou um conjunto rico de traços culturais muito originais: um legado arquitetônico, literário e humano contendo uma significação excepcional e um patrimônio monumental único em seu gênero. Na realidade, há traços semelhantes que dão idéia de um certo “ar familiar” em outras cidades do mundo que conheceram simbioses de cultura e de influências locais e coloniais, sobretudo de origem portuguesa: por exemplo, São Luís do Senegal e a Ilha de Gorée, o bairro brasileiro em Lagos na Nigéria, algumas cidades dos Açores (como Angra) e do arquipélago de Cabo Verde e mesmo em Luanda, em Angola. Até a longínqua Cochim, na Índia do Sul, ou as ilhas de Lamu e Mombaça no Quênia, na costa do oceano Índico, podem revelar aspectos que, bruscamente, nos parecem familiares. Mas tudo isso são partes de cidades, não uma totalidade urbana.

Quase paralisada no tempo durante a primeira metade do século XX, São Luís teve, por causa do assoreamento do porto e sua decadência, a “sorte” de ter conservados intactos esses valores acumulados ao longo de três séculos de história. Seu atual Centro Histórico conserva, como em nenhum outro lugar do mundo, a maior extensão de arquitetura civil de direta origem européia, adaptada a um meio ecológico único, ao clima e às necessidades específicas da zona equatorial como em nenhum outro lugar do mundo. Só Quito, no Equador, pode lhe ser comparada; mas esta fica isolada no alto dos Andes, enquanto São Luís – terra de poetas e encruzilhada de culturas – está defronte do mar, no nível da água, abraçada por esse oceano que forjou a sua personalidade.



Carranca, em cantaria de líoz, da Fonte das Pedras (acima).
Détail de figures en pierre de líoz, de la fontaine des Pierres (au-dessus).

Vista aérea da praça João Lisboa, com a Igreja e o Convento do Carmo (pág. ao lado).
Vue aérienne de la place João Lisboa, avec l'église et le couvent du Carmo (page à côté).



O Bumba-meu-boi, nas festas tradicionais de São Luís.
Le Bumba-meu-boi, dans les fêtes traditionnelles de São Luís.

*“A impressão não poderia
ter sido mais favorável.
O mais belo domingo estendia-se
sobre altas colinas, banhadas
de três lados pelo mar com bonitos,
magníficos mesmo, edifícios”.*
(Robert Avé-Lallemant/1859).

